ISSN: 2358-8829

DO COTIDIANO AO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: MEDIAÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO CRÍTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Vinícius de Oliveira Germano [1]
Solange Maria Miranda Fernandes de Ataíde [2]
Adriano Lima Troleis [3]

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo transforma-se à medida que o tempo passa, inserindo-se em um contexto multifacetado, constituído por um mosaico de ações, objetos, técnicas e relações. Nesse movimento contínuo, novos cenários são produzidos, transformados e ressignificados, fazendo do mundo um espaço permanentemente aberto à leitura e à interpretação. A partir disso, a Geografia evidencia-se como uma ciência que permite essa apreensão, promovendo o cotidiano como pressuposto teórico-metodológico, uma vez que este não se apresenta como algo estático, mas como uma construção dinâmica, marcada pelas relações estabelecidas entre os sujeitos e os diferentes elementos que compõem a vida social.

Essa característica atribui à ciência geográfica uma particular potência no contexto escolar: aquilo que constitui o objeto de análise da Geografia não se encontra distante da vida dos estudantes, mas manifesta-se nos lugares que habitam, nas paisagens que observam, nos territórios que percorrem e nas relações espaciais que experimentam cotidianamente. Isso evidencia que o ensino de Geografia deve estar alinhado ao sujeito, pois, como afirma Andreis (2019), este "tem determinações e liberdades, um cotidiano real, próximo, visível e compreendido".

Entretanto, embora essa proximidade seja uma possibilidade inerente ao próprio conhecimento geográfico, o ensino escolar da disciplina ainda pode ser marcado pela

[1] Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN,vinniciusgermanoo@gmail.com.
[2] Mestre pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, solange,ataide12@gmail.com;
[3] Professor Orientador: Doutor pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, adrianotroleis@gmail.com;

apresentação de conteúdos de maneira descontextualizada, favorecendo a memorização em detrimento da análise e da problematização da realidade. Partindo dessa compreensão, este artigo defende que o cotidiano do estudante não deve ser compreendido como uma alternativa ou um complemento ao conteúdo geográfico, mas como uma dimensão na qual os processos estudados pela Geografia se concretizam e podem ser investigados.

Sendo assim, mais do que demonstrar que determinado conteúdo está presente na realidade do aluno, trata-se de compreender de que maneira os fenômenos geográficos interferem em sua vida, constituem suas experiências, condicionam suas possibilidades e, por vezes, tornam-se tão familiares que deixam de ser questionados. Esse movimento demonstra que o "conhecido" pode ser utilizado como ponto de partida, mas é somente por meio da mediação docente que ele passa a ser problematizado, superando leituras generalizantes. Afinal, para Andreis (2019), o cotidiano, como dimensão inerente ao espaço geográfico, atribui centralidade à relação vida-espaço e espaço-vida articulada ao ensino escolar.

É a partir desse entendimento que se estabelece a questão central deste trabalho: de que maneira a mediação docente pode transformar as experiências cotidianas dos estudantes em possibilidades de construção do conhecimento geográfico e de reflexão crítica sobre o espaço? Para refletir sobre essa questão, recorre-se à análise de uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)-Geografia, com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual José Fernandes Machado, em Natal/RN. A experiência envolveu o uso do Google Earth Pro para a leitura comparativa de diferentes áreas da cidade e, posteriormente, a atividade "Prefeito por um dia – Redesenhando a cidade", na qual os estudantes foram convidados a pensar possibilidades de reorganização do espaço a partir de princípios de equidade, acessibilidade e sustentabilidade.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência de caráter analítico-reflexivo, vinculada às ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A intervenção pedagógica foi realizada com uma turma

ISSN: 2358-8829

de 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual José Fernandes Machado, em Natal/RN. Os dados foram registrados por meio de observação participante e diário de campo, focando na interpretação das interações e discursos dos discentes diante das propostas apresentadas.

A prática educativa estruturou-se em duas etapas integradas: inicialmente, utilizou-se a geotecnologia Google Earth Pro para a exploração virtual e análise comparativa da infraestrutura, uso do solo e acessibilidade em diferentes bairros de Natal/RN, com ênfase na área de vivência dos alunos (bairro de Ponta Negra). Na sequência, realizou-se a oficina "Prefeito por um Dia – Redesenhando a Cidade", na qual os estudantes, reunidos em grupos, formularam propostas de intervenção urbana orientadas pelos princípios de equidade, acessibilidade e sustentabilidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. O cotidiano e a construção do olhar geográfico

O ser humano, assim como o espaço geográfico, acumula ações, experiências e técnicas que, articuladas ao longo do tempo, produzem particularidades e formas específicas de relação com o mundo. Essas particularidades constituem vivências e coexistências que não se limitam àquilo que pode ser imediatamente observado, uma vez que a experiência espacial também envolve significados e percepções construídas pelos sujeitos em seu cotidiano. Nesse sentido, torna-se pertinente questionar: de que maneira a Geografia e seus fenômenos podem ser compreendidos a partir da dimensão cotidiana?

Conforme destaca Andreis (2019), enquanto o lugar reporta a referências associadas à localidade, o cotidiano reporta a referências ligadas à atualidade. Isso significa que o cotidiano proporciona uma contextualização tecida por representações sociais passíveis de interpretação. O ato de vivenciar, contudo, não se restringe à mera observação de determinado fenômeno, uma vez que "ver" e "vivenciar" não constituem experiências equivalentes. O espaço vivido, portanto, não se reduz àquilo que pode ser apenas representado ou visualizado, ele é igualmente constituído pelas experiências, percepções, memórias e relações tecidas pelos sujeitos.

Desse modo, considerar o cotidiano no ensino de Geografia significa reconhecer que o estudante não é um mero espectador do espaço: ele o experimenta, atribui-lhe

ISSN: 2358-8829

significados e estabelece relações que constroem sua leitura de mundo. É nessa perspectiva que se insere a contribuição de Kaercher (2010), ao defender a necessidade de alfabetizar o aluno em Geografia para a compreensão do espaço geográfico, visto que é no movimento entre vivências e estranhamentos que ocorre a emergência do conhecimento científico. Nessa direção, o cotidiano não representa apenas o cenário passivo em que os conteúdos escolares são exemplificados, mas o próprio campo no qual os processos geográficos se manifestam e podem ser interrogados.

O papel da Geografia consiste em possibilitar que aquilo que é experimentado seja submetido a novas formas de questionamento, produzindo um deslocamento entre o saber imediato e o conhecimento geográfico. O espaço vivido é tomado, assim, como ponto de partida para refletir sobre o processo pelo qual a realidade deixa de ser apenas o que o estudante conhece para tornar-se aquilo que ele interpreta e problematiza, afinal, como sintetiza Serpa (2020), o cotidiano é também devir e anúncio de futuros possíveis. Contudo, para que esse potencial transformador da experiência cotidiana se efetive em sala de aula, faz-se indispensável superá-lo como mero recurso ilustrativo. É nesse horizonte que a mediação docente emerge para converter a vivência em problema geográfico, conforme se discute a seguir.

1.2 Para além da contextualização: o cotidiano como problema geográfico

A educação contemporânea passa por constantes transformações para atender às necessidades de uma sociedade marcada por mudanças não apenas geracionais, mas também comportamentais. Nesse cenário, apesar das dualidades e dos novos desafios que emergem na sala de aula, o professor permanece como mediador fundamental do processo de ensino-aprendizagem. Sob essa ótica, o cotidiano deve ir muito além da mera contextualização passiva.

Ainda que determinados fenômenos geográficos apresentem certo grau de abstração, eles se tornam passíveis de apreensão quando a mediação docente é intencionalmente direcionada para que o estudante os perceba em sua realidade. Trata-se, portanto, de ir além do simples reconhecimento do fenômeno, desenvolvendo práticas pedagógicas efetivamente articuladas com a práxis e a vivência do aluno (Silva, 2020).

ISSN: 2358-8829

Ao aprofundar essa reflexão, deve-se considerar que a prática do estudante exige do docente um movimento constante de articulação entre os saberes prévios (conceituais e experienciais) e o conhecimento científico da Geografia. A partir disso, a mediação do professor deve problematizar o conhecimento já apreendido, elevando o seu nível de complexidade. Afinal, impulsionar a leitura de mundo do aluno depende, fundamentalmente, do professor e de suas concepções de educação e de Geografia, elementos que fazem a diferença no processo de ensino (Callai, 2005).

Assim, a mediação pedagógica transforma o cotidiano ordinário em um problema geográfico: a rua onde o aluno mora, o trajeto até a escola ou o acesso aos serviços urbanos deixam de ser meros fatos dados e passam a ser compreendidos a partir de escalas mais amplas de análise. Essa investigação é essencial porque as situações cotidianas, por mais banais que pareçam, situam-nos em contextos que são, a um só tempo, diversos e desiguais (Serpa, 2020).

Busca-se, desse modo, discutir as possibilidades e os limites da articulação entre cotidiano, mediação docente e construção do conhecimento geográfico, considerando que o potencial educativo da experiência cotidiana não reside somente em aproximar o conteúdo da realidade, mas em possibilitar novas formas de ler, compreender e problematizar o espaço vivido.

Cumpre ressaltar, todavia, o cuidado necessário ao generalizar tais experiências: sua simples presença no espaço não as torna automaticamente um saber elaborado. Cabe ao ensino evidenciar as singularidades e as complexidades dessas dinâmicas, fornecendo elementos teóricos para o enfrentamento do dilema entre o particular e o geral (Serpa, 2020). Nesse processo, a problematização torna-se uma prática fundamental.

Questionar por que determinado fenômeno ocorre, como ele se distribui espacialmente, quem é afetado por ele, quais relações contribuem para sua produção e que possibilidades de transformação podem ser pensadas permite deslocar o estudante da condição de mero observador para a de sujeito capaz de interpretar sua realidade criticamente. Desse modo, a mediação docente atua orientando caminhos para a construção de uma sociedade mais justa, “construindo o conhecimento com os alunos, que é o cerne de uma educação mais democrática” (Kaercher, 1998, p. 13).

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já posto, é possível compreender que a experiência desenvolvida no âmbito do PIBID teve como ponto de partida a aproximação entre o conteúdo geográfico e o cotidiano dos estudantes. Entretanto, para além da continuidade com aquilo que lhes era vivido e conhecido, as diferenças manifestadas nesse cenário assumiram papel fundamental durante o processo, à medida que os discentes eram conduzidos a reconhecer os contrastes existentes entre os bairros e suas relações com a ausência de equidade territorial.

O recorte espacial escolhido não se constituiu como uma realidade distante, contudo, a proximidade territorial não foi tomada como a finalidade da proposta, mas como disparador de uma intencionalidade pedagógica. Afinal, partir do espaço conhecido não significa limitar a aprendizagem à "gradação perto-longe" (Kaercher, 2010), mas criar condições para que o estudante avance da simples identificação empírica em direção à problematização das relações que produzem e diferenciam os lugares.

O desafio consistiu em deslocar os discentes da constatação para o questionamento sobre as desigualdades socioespaciais: por que essas diferenças existem, como se distribuem e quem é afetado por elas?. Como defende Callai (2005), é preciso encontrar formas legítimas de compreender o mundo. Nesse sentido, a utilização de geotecnologias articulada à intencionalidade docente possibilitou materializar espacialmente conhecimentos vivenciados pelos alunos, transformando o que era familiar em possibilidade de investigação geográfica.

A experiência evidencia, assim, que existem múltiplas possibilidades de ensinar e (re)aprender Geografia justamente porque os fenômenos geográficos não se encontram distantes da vida cotidiana, mas constituem e são constituídos pelas relações estabelecidas no espaço vivido. Essa dinâmica tornou-se evidente durante a exploração do bairro de Ponta Negra ao abordar as condições socioestruturais da área em que os estudantes estão inseridos, contudo, a leitura apresentada pelas imagens de satélite contrapôs-se às vivências dos discentes.

Os alunos demonstraram incômodo diante da caracterização da Vila de Ponta Negra, interpretando a abordagem inicial como uma generalização reducionista da realidade por eles experimentada. Longe de se constituir como um obstáculo, essa

ISSN: 2358-8829

reação foi convertida, pela mediação docente, em uma oportunidade para problematizar a própria relação entre espaço vivido e representação cartográfica. Provocou-se o questionamento sobre o que as imagens evidenciam e o que ocultam, demonstrando que a familiaridade com o lugar não elimina a existência de diferenças, contradições e desigualdades que nele se materializam.

Desse modo, a reação diante da representação de Ponta Negra tornou-se parte da própria construção do conhecimento, uma vez que a divergência entre o representado e o vivido gerou uma situação de estranhamento fecundo. É nesse movimento entre o familiar e o problematizado que a mediação docente, sobretudo geográfica, encontra sua pertinência, atuando como o elo capaz de converter o incômodo do estudante em raciocínio crítico ao reconhecer que o espaço urbano é o resultado dinâmico de lutas, contradições e escolhas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica evidenciou a relevância de tomar o cotidiano como objeto teórico-metodológico nas aulas de Geografia. As vivências dos estudantes, por si sós, não garantem a compreensão automática dos fenômenos geográficos; contudo, quando articuladas a uma intencionalidade pedagógica, aquilo que antes parecia invisível ganha concretude. É nesse movimento, guiado pelo desenvolvimento do raciocínio geográfico, que a realidade imediata é problematizada e ressignificada.

Sendo assim, o cotidiano inevitavelmente se manifesta no espaço da sala de aula, mas o seu potencial analítico depende de como o docente estrutura e conecta tais vivências aos conteúdos escolares. A mediação intencional torna-se, portanto, a força capaz de provocar a inquietude frente a situações tidas como naturais, revelando que a experiência ordinária do aluno é atravessada por dinâmicas espaciais que exigem reflexão e consciência crítica.

Em suma, a experiência vivenciada no PIBID demonstrou que o uso de geotecnologias e de metodologias ativas, como a atividade em Ponta Negra, atinge sua máxima eficácia quando não reduz o lugar a meras coordenadas técnicas, mas valoriza as múltiplas vozes do espaço vivido. Assim, o artigo reitera que ensinar Geografia na contemporaneidade exige do professor a postura constante de transformar a

familiaridade do aluno em investigação, reafirmando o cotidiano não apenas como ponto de partida, mas como horizonte de emancipação e leitura crítica do mundo.

Palavras-chave: ensino de geografia, cotidiano, formação crítica, prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

ANDREIS, Adriana Maria. A GEOGRAFICIDADE DO COTIDIANO COMO CATEGORIA CIENTÍFICO-DIDÁTICA PARA ENSINAR E APRENDER NA ESCOLA. Revista Signos Geográficos, Goiânia, v. 1, p. 19, 2019. Disponível em: https://revistas.ufg.br/signos/article/view/60733. Acesso em: 25 jul. 2026.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. CEDES, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, Aug. 2005. Disponível em:https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000200006. Acesso em: 20 jul. 2026.

NOGUEIRA, Valdir; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. EDUCAÇÃO GEOGRÃFICA E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA ESPACIAL-CIDADÃ: CONTRIBUIÇÕES DOS PRINCÃPIOS GEOGRÃFICOS. Boletim de Geografia, [S. l.], p. 25–37, 2009. DOI: 10.4025/bolgeogr.v0i0.8434. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/8434. Acesso em: 4 set. 2026.

SERPA, Angelo. UMA GEOGRAFIA QUE SE PRATICA NO DIA A DIA. GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais, vol. 11, 2020. Universidade Federal do Ceará, Brasil.Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552861694040. Acesso em: 27. jun. 2026.

SILVA, Ednamar Santos. **Geografia do cotidiano**: práticas geográficas a partir do conteúdo cidade. 2020. 17 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Centro de Educação Aberta e a Distância, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2020. Disponível em: http://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/6839. Acesso em: 26 jun. 2026.

KAERCHER, Nestor André. A geografia é o nosso dia-a-dia. *In*: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* (org.). **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Porto Alegre: AGB - Seção Porto Alegre, 1998. p. 13-24. Disponível em: https://geografiadonestor.weebly.com/organizador.html. Acesso em: 28 jun. 2026.